

O erotismo na poesia brasileira



Organização	Elys Regina Zils Floriano Martins
Arte	Elys Regina Zils
Ano de publicação	2024
Edição	1ª
Fonte	Californian Fb Cambria
ISBN	978-65-01-26141-6



MamaQuilla Edições | Indaial | Brasil
ed.mamaquilla@gmail.com
2024

Índice

O silêncio alusivo de Eros	5
Yde Schloenbach Blumenschein	9
Gilka Machado	13
Dora Ferreira da Silva.....	17
Hilda Hilst.....	22
Cassandra Rios.....	29
Roberto Piva.....	33
Neide Archanjo.....	37
Yêda Oscarlina Schmaltz	43
Leila Ferraz.....	47
Maria Lúcia Dal Farra	52
Leila Mícoolis.....	56
Celso de Alencar.....	60
Beth Brait Alvim.....	66
Viviane de Santana Paulo	70
Anabelle Loivos	76
Rita Medusa	81
Simone Brantes	87
Ana Farrah.....	92
Anna Apolinário.....	96
Matheus Guménin Barreto	101
A última página do começo.....	107

O silêncio alusivo de Eros

A sensibilidade sugere os caminhos para uma nova realidade, ou talvez para uma realidade que nunca cessa de se renovar. Eros é um deus de carne, forma, substância, mas também uma divindade que propicia o companheirismo espiritual, a identificação de universos afins e as expressões inesgotáveis do desejo. Na poesia, Eros é uma busca constante pelos mecanismos da percepção. Graças a seus símbolos radiantes, é possível encontrar as relações mais sublimes entre os verbos e suas propriedades humanas. Os verbos como consagração de nosso apetite existencial.

A textura dos encontros humanos nos conduz a uma visão erótica da vida. Dessa textura emerge a própria configuração do canto e da poesia, que se revelam em sua busca incessante pelo outro. O espaço em que essa busca se propaga surge da revelação inesperada de sua repetição. É sempre o outro que nos encontra. Com sua delicadeza metafórica, o canto transforma tudo, com sua voz erótica que renova constantemente o mistério da existência e o sentido místico da união. O erotismo corresponde à compreensão de que a harmonia não é a simples conjunção de opostos, o que, por fim, nos leva a uma configuração plena da androginia primordial.

Vale lembrar uma observação de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, em seu *Dicionário de Símbolos* (2001, p. 377): “O erotismo pode revelar apenas uma espécie de desejo, até mesmo

de obsessão, sexual: todavia, simboliza o caráter quase irresistível das impulsões vitais, tanto nas obscenidades pornográficas, quanto nas mais refinadas obras, e nas uniões ao mesmo tempo mais íntimas e mais espiritualizadas”.

Da literatura amorosa à literatura pornográfica, passando por questões culturais e estratégias discursivas, existe um amplo espectro com diferentes níveis que podem conceber um texto como erótico ou não. Dessa maneira, queremos esclarecer o uso do termo *erotismo* para além do reducionismo associado à carnalidade, embora a transcendência através da sexualidade esteja presente. Para Bataille (2017), o erotismo nasceu do interdito, vive do interdito, e se não tivéssemos o interdito dentro de nós mesmos, se não mantivéssemos esse sentimento de interdito com relação ao essencial do erotismo, não poderíamos ser eróticos. O erotismo é a sensualidade que desnuda a palavra.

A poesia erótica orbita em torno do desejo, da sedução, do prazer, da busca, temas sob a regência do deus grego do amor, mas também se revela como fonte de autoconhecimento e conhecimento do mundo. Tanto o gênero poético quanto o erotismo são aspectos da experiência interior do sujeito, conceito adotado por Bataille (2017). Ele menciona três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado.

Pode-se dizer que o erotismo “é a aprovação da vida até na morte” (Bataille, 2017, p. 47) – fórmula que não o define, mas esclarece que não é apenas desejo pelo outro; nele, Eros está vinculado a uma atitude perante a vida, em última análise, sua força atravessa a existência.

A seleção que fizemos de poetas brasileiros que respondem a essa vitalidade do erotismo não é exaustiva em si mesma, mas encontra nos autores que a inspiram uma casa repleta dos mais variados símbolos que revelam o essencial da criação poética: sua pele expandida e inacabada, seu tecido calculado que desvela múltiplos véus, como se a poesia fosse, ao mesmo tempo, cobertura e núcleo de uma mesma manifestação de fertilidade.

Todos eles distintos entre si, unidos na adoção de princípios ativos e passivos com os quais buscam a unidade plena do ser. Assim, a linguagem erótica que adotam em suas poéticas reúne forças opostas, o fogo e a água, o Yin e o Yang, e ajuda a decifrar os mistérios da imaginação.

Esperamos que os leitores desta breve exposição se sintam tocados pela força de Eros e por seu silêncio cheio de alegria.

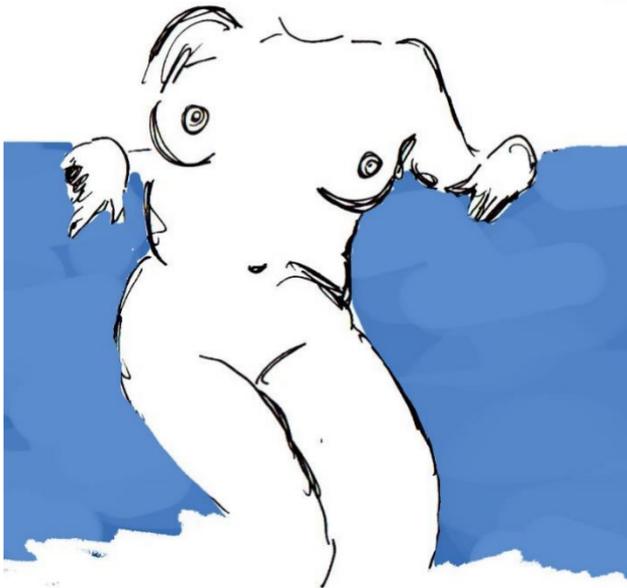
Elys Regina Zils
Florianópolis

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. 16ª ed. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 2001.

Yde Schloenbach Blumenschein

(São Paulo, 1882-1963)



Intimidade

Toda alcova em penumbra. Em desalinho o leito,
onde, nus, o meu corpo e o teu corpo, estirados
na fadiga que vem do gozo satisfeito,
descansam do prazer, felizes, irmanados.

Tendo a minha cabeça encostada ao teu peito,
e, acariciando os meus cabelos desmanchados,
és tão meu...Sou tão tua. Ainda sob o efeito
da louca embriaguez dos momentos passados.

Porém, na tua carne insaciável, ardente,
o desejo reacende, estua...E, de repente,
dos meus seios em flor beijas a rósea ponta...

E se unem outra vez a lúbrica bacante
do meu ser e o teu sexo impávido, possante,
na comunhão sensual das delícias sem conta...

Ironia

Es wär zu schoen gevesen
Es hat nicht sollen sein

Victor Scheffel

Naquela noite, um céu desconhecido havia
aberto para nós as suas portas de ouro.
E enquanto ao teu meu coração batia,
tu eras meu amor, eu era o teu tesouro.

Prendiam-se nos meus os teus olhos de mouro,
um beijo, a tua boca à minha boca unia...
E, sob um quebra-luz, o meu cabelo louro
bem junto ao teu cabelo escuro refulgia...

Porém, aquele céu que, generosamente,
abrira para nós as portas da ventura,
era o instante do amor que passa, num repente.

E agora, eu digo, a rir: — “Foi uma coisa louca!”
Tu dirás com desdém: — “Foi mais uma aventura!”

(Como sabem mentir, a tua e a minha boca!)

A carne

Exiges. És ciumenta e egoísta. Não admities qualquer rivalidade, ou que algo te suplante. És forte e audaz no teu domínio sem limites... capaz de transformar a vida num instante.

És mísera e brutal. Mas, nada obsta que agite se açambanques o mundo, e que esta alucinante e estranha sensação que aos humanos transmites, tenha, como nenhuma, um halo deslumbrante.

Oh, carne que possuis no teu imo maldito mais lodo que contém num charco pantanoso, mais esplendor, também, que os astros do infinito...

Rugindo de volúpia e de sensualidade, espalhando na terra apoteoses de gozo, ó, carne, serás tu a única verdade?

Gilka Machado

(Rio de Janeiro, 1893-1980)



Ânsia múltipla

Beija-me Amor,
Beija-me sempre e mais e muito mais,
em minha boca esperam outras bocas,
insaciadas e loucas,
os beijos deliciosos que me dás!

Beija-me ainda,
ainda mais,
em mim sempre acharás
à tua vinda
ternuras virginais!

Beija-me mais, põe o mais cálido calor
nos beijos que me deres,
pois vive em mim a alma de todas as mulheres
que morreram sem amor!

Esboço

Teus lábios inquietos
pelo meu corpo
acendiam astros...
e no corpo da mata
os pirilampos
de quando em quando,
insinuavam
fosforecentes carícias...
e o corpo do silêncio estremecia,
chocalhava,
com os guizos
do cri-cri osculante
dos grilos que imitavam
a música de tua boca...
e no corpo da noite
as estrelas cantavam
com a voz trêmula e rútila
de teus beijos...

Particularidades

Muitas vezes, a sós, eu me analiso e estudo,
os meus gostos crimino e busco, em vão torcê-los;
é incrível a paixão que me absorve por tudo
quanto é sedoso, suave ao tato: a coma... Os pêlos...

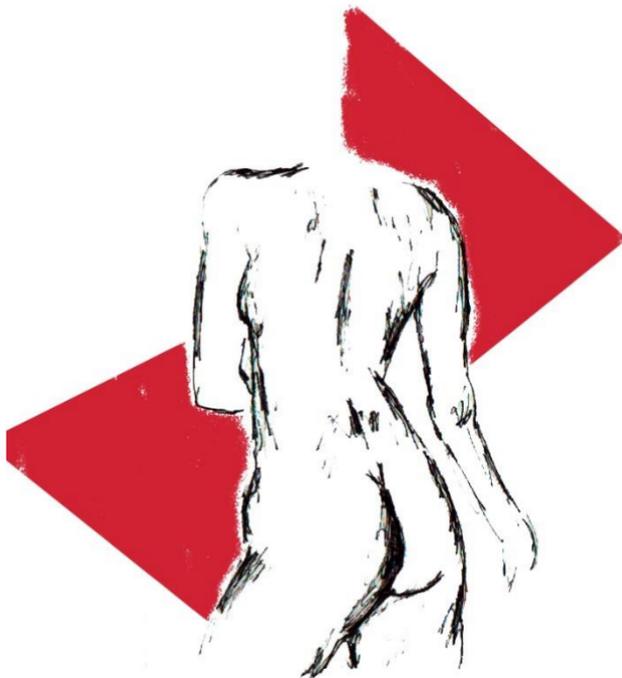
Amo as noites de luar porque são de veludo,
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos
meus frágeis membros, sobre o meu corpo desnudo
em carícias sutis, rolaem-me os cabelos.

Pela fria estação, que aos mais seres eriça,
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,
às luvas de camurça, às boas, à pelica...

O meu tato se estende a todos os sentidos;
sou toda languidez, sonolência, preguiça,
se me quedo a fitar tapetes estendidos.

Dora Ferreira da Silva

(São Paulo, 1918-2006)



Além

Não me explicas
não te explico
o milagre do contato
que é de alma e é carnal
que é do espírito abissal
tudo somando o igual.
Sinto o frêmito do vento
nas plantas do beiral
desta casa provisória.
Não há linhas divisórias
que nos digam quem é qual
por tão próximos — não há espaço
para o abraço
para o ai!
Andando em duas direções
transpusemos nossa essência
um é o outro
e o círculo no entanto
determina eterno encontro.
Sem assombro dou-te um beijo
o realejo da infância
é o fundo musical.
Valha-nos Deus!
Vamos chorar? Vamos sorrir?
O agora é o por vir
que empurra e enterra o antes
para nova floração.
Só não passa nem transita esse

doido coração
não é meu
não é teu
está nu de possessivos
a imperecível carnação.
Sorrímos o mesmo sorriso
diante das megapalavras
somente cativos do Nada.
E eternamente calamos.

Mulher é pássaro

Voltamos ao jardim
ao banco lavado pela chuva.
Pedimos o verde ao verde
a flor à flor
sem quebrar-lhe a haste. Bastaria a manhã.
(Nossa presença
desalinha ar e folhas
num frêmito.)

Mas se nada pedimos
como quem dorme seguindo a linha natural
do corpo
respiramos o puro abandono:
um pássaro alveja o azul (sem par)
ultrapassa o muro do possível
e assim damos um ao outro
a súbita presença

do Céu.

Erótica

O seio da lua
aflora teu seio
desata-se o sangue em rio
de obscuros meandros
à beira de agapantos
cerram-se as pálpebras
sobre o desmaio das pupilas
eis que respiras no meu sono
e em ti desperto
enredada nas líanas da tua alma
na lisura das águas
a noite se mira.
Mordo meu desejo em teus cabelos.

Hilda Hilst

(São Paulo, 1930-2004)



I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.
Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganir diante do Nada.

III

Colada à tua boca a minha desordem.

O meu vasto querer.

O impossível se fazendo ordem.

Colada à tua boca, mas descomedida

Árdua

Construtor de ilusões examino-te sôfrega

Como se fosses morrer colado à minha boca.

Como se fosse nascer

E tu fosses o dia magnânimo

Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.

Filó, a Fadinha lésbica

Ela era gorda e miúda.
Tinha pezinhos redondos.
A cona era peluda
Igual à mão de um mono.
Alegrinha e vivaz
Feito andorinha
Às tardes vestia-se
Como um rapaz
Para enganar mocinhas.
Chamavam-lhe "Filó, a lésbica fadinha".
Em tudo que tocava
Deixava sua marca registrada:
Uma estrelinha cor de maravilha
Fúcsia, bordô
Ninguém sabia o nome daquela cô.
Metia o dedo
Em todas as xerecas: loiras, pretas
Dizia-se até...
Que escarafunchava bonecas.
Bulía, beliscava
Como quem sabia
O que um dedo faz
Desde que nascia.
Mas à noite... quando dormia...
Peidava, rugia... e...
Nascia-lhe um bastão grosso
De início igual a um carçoço

Depois...
Ia estufando, crescendo
E virava um troço
Lilás
Fúcsia
Bordô
Ninguém sabia a cô do troço
da Fadinha Filô.
Faziam fila na Vila.
Falada "Vila do Troço".
Famosa nas Oropa
Oiapoc ao Chuí
Todo mundo tomava
Um bastão no oiti.
Era um gozo gozoso
Trevoso, gostoso
Um arrepião nos meio!
Mocinhas, marmanjões
Ressecadas velhinhas
Todo mundo gemia e chorava
De pura alegria
Na Vila do Troço.
Até que um belo dia...
Um cara troncudão
Com focinho de tira
De beijo bordô, fúcsia ou maravilha
(ninguém sabia o nome daquela cô)
Seqüestrou Fadinha
E foi morar na Ilha.
Nem barco, nem ponte
O troncudão nadando feito rinoceronte

Carregava Fadinha.
De pernas abertas
Nas costas do gigante
Pela primeira vez
Na sua vidinha
Filó estrebuchava
Revirando os óinho
Enquanto veloz veloz
O troncudão nadava.
A Vila do Troço
Ficou triste, vazia
Sorumbática, tétrica
Pois nunca mais se viu
Filó, a Fadinha lésbica
Que à noite virava fera
E peidava e rugia
E nascia-lhe um troço
Fúcsia
Lilás
Maravilha
Bordô
Até hoje ninguém conhece
O nome daquela cô.
E nunca mais se viu
Alguém-Fantasia
Que deixava uma estrela
Em tudo que tocava
E um rombo na bunda
De quem se apaixonava.

Moral da estória, em relação à Fadinha:

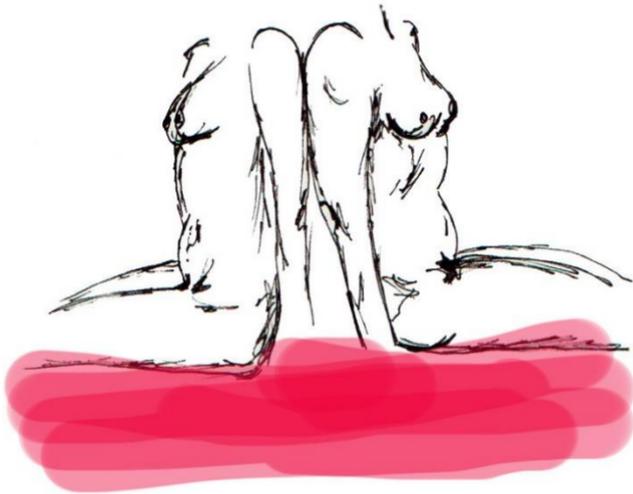
Quando menos se espera, tudo reverbera.

Moral da estória, em relação ao morador
da Vila do Troço:

Não acredite em Fadinhas.
Muito menos com cacete.
Ou somem feito andorinhas
Ou te deixam cacoetes.

Cassandra Rios

(São Paulo, 1932-2002)



[Sou uma ninfa]

Sou uma ninfa -
estas ruas da cidade
ou jardins dos bairros
são estranhos para mim.
Vivo num mundo de sonhos
percorrendo bosques encantados,
onde diáfanas e etéreas mulheres
entoam cânticos de amor,
fascinadas pela emoção de amar!
Amar inconseqüentemente
numa insensatez sem pecado!
E entre as flores,
que formaram o buquê
de imagens místicas,
predominou de repente
a liliácea!
A ela entoarei
minhas últimas preces
para que se extasie,
infinitamente!

[Meu olhar nos teus olhos]

Meu olhar nos teus olhos
tua boca em minha boca
teus seios em minhas mãos
tuas mãos em meu rosto:
São os primeiros solfejos!
Meu rosto em teus cabelos
tua voz em meus ouvidos
meus braços em teu corpo
teu corpo colado ao meu:
vibram as cordas dos sentidos
é a sinfonia que arrebatava
ao som de gemidos e palavras!
Resvalo em fuga para me esconder
entre as pilastras do teu corpo
mãos espalmadas sobre teu ventre
...e a fonte em minha voz!

Fizemos amor!
Não esqueço!
É cena parada em minha mente!

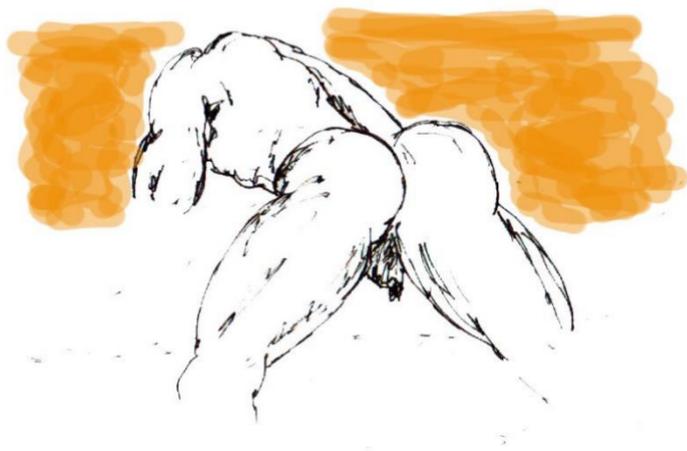
...e continuamos,
repetindo tudo:
tua boca em minha boca
minhas mãos em teus cabelos
[emaranhadas
e os nossos corações pulsando juntos.

É o êxtase!
Eis o final!
A sinfonia estertora
ao ranger de dentes e lábios que silvam
na contorção vertiginosa
do corpo infiltrando-se pela alma!

É o gozo que aniquila!
A música do amor que termina ou faz pausa para repetição!

Roberto Piva

(São Paulo, 1937-2010)



Ganimedes 76

Teu sorriso
olhinhos como margaridas negras
meu amor navegando na tarde
batidas de pêssego refletindo em teus olhinhos de
fuligem
cabelos ouriçados como um pequeno deus de um salão
rococó
força de um corpo frágil como ancoras
gostei de você eu também
amanhã então às 7
amanhã às 7
tudo começa agora num ritual lento & cercados de
gardênias de pano
Teu olhar maluco atravessa os relógios as fontes a tarde
de São Paulo como um desejo espetacular tão
dopado de coragem
marfim de teu sorriso nascosto fra orizzonti perduti
assim te quero: anjo ardente no abraço da Paisagem

Os anjos de Sodoma

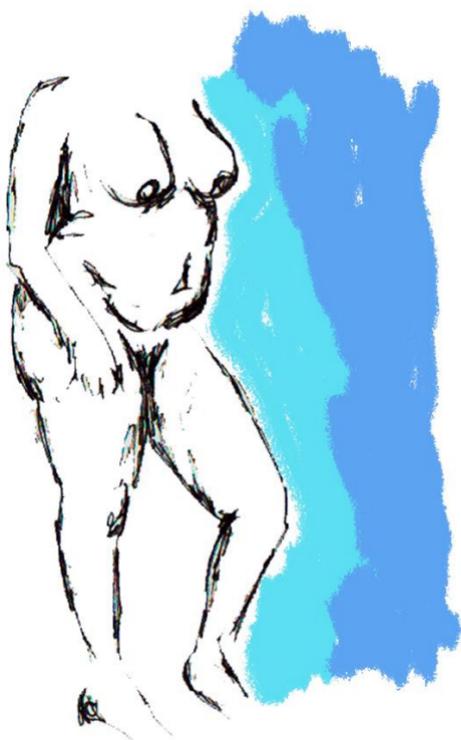
Eu vi os anjos de Sodoma escalando
um monte até o céu
E suas asas destruídas pelo fogo
abanavam o ar da tarde
Eu vi os anjos de Sodoma semeando
prodígios para a criação não
perder seu ritmo de harpas
Eu vi os anjos de Sodoma lambendo
as feridas dos que morreram sem
alarde, dos suplicantes, dos suicidas
e dos jovens mortos
Eu vi os anjos de Sodoma crescendo
com o fogo e de suas bocas saltavam
medusas cegas
Eu vi os anjos de Sodoma desgrenhados e
violentos aniquilando os mercadores,
roubando o sono das virgens,
criando palavras turbulentas
Eu vi os anjos de Sodoma inventando
a loucura e o arrependimento de Deus

A coreia é na esquina

Assim não dá meu tesão
eu começo a sonhar com você todas as tardes
& você lá em Santos
comendo amendoim
vendo anjos nas cebolas do mercado
navios entram & saem do porto polidos
eu corto as veias & rego meu queijo-minas
você me ama eu sei & me envaideço
amoras jorram a beleza anarquista de suas
coxas molhadas
o peixe-espada pode lhe declarar amor
eu penso nestas ilhas perfumadas
mas o caminho de volta eu só conto
a este urubu em carne viva
que grasna na sacada.

Neide Archanjo

(São Paulo, 1940-2022)



[Não conhecer teu corpo]

Não conhecer teu corpo
mas sabê-lo possível
passível a viagens
que não as minhas.
Como te dizer
por exemplo:
Vem amiga; dar-te-ei a tua ceia
e a comida que acaso desejares
e algum poema que ilumine os ares...
se me olhas
simplesmente desinteressada
e num gesto muito teu
tiras da sacola Peg Pag
uma maçã dourada
que mordes
de estalo
e que deixa
entre os lábios e os dentes
um espaço de desejo
preenchido vorazmente
pela fruta
não pelo meu beijo?

Ilhas Idílicas

Meu amor te põe em uso
fazendo-te mover
por entre coisas rasteiras
luas
rasgar de sedas
fendas.

Meu amor labirinto de palavras raras
que te é dado conhecer agora
te funda
no poema
e
no mistério dourado de ti mesma.

E
estando
me
faltas.

Tua presença irreal
agora presença
é figo maduro
que colho
entre o contorno rouco dos teus seios
e a cabeleira que ondula
quase mel quase perfume
roçando a pele dura.

Estou deitada nos sonhos
no sonho nos teus braços
e
estremeço.

No oceano dos sentidos
em cumplicidade
reinamos
tendo o amor
como narcótico
e
à mão algumas alquimias.

Inventamos substâncias
as mais impalpáveis
um olhar, por exemplo,
odores sumos rumores
mas quando em transe
viajamos no vazio
como dois monges

Sem esforço te retenho
e
permaneces
quase sem querer.

Guardo-te em mim
como o mar
guarda a água e o sal
em silêncio profundo.

Toca minha pele assim:
as costas com beijos lentos
a nuca com lábios roxos
as coxas com mãos noturnas.
Nada é mais suave
que teu cabelo solto
aberto como asa
sobre meu corpo.

O teu corpo em minhas mãos, IV

Nossos sexos
rubros como romãs
abertas ao meio
roçavam
os contornos do desejo.
E regalos escorriam
pelos dedos.
A dor
era saber
que em minha vida
isso jamais se repetiria

Yêda Oscarlina Schmaltz

(Pernambuco, 1941-2003)



Pão e vinho

Teu braço, amigo,
tem o sabor
das frutas da estação
degustadas
nas festas populares;

dos doces e compostas
e alfenins;
teu braço abrigo

é vinho e pão
e comunhão,
é uva e trigo.

Bacanal

Cheiro verde:
salsa e cebolinha
refogados na manteiga
e açafrão.

Bem temperado,
um espetinho
no coração.

O fogo acesso,
(Debussy
com creme chantilly
de sobremesa)
ele vai comer:

100 gr de fermento flesh-
man
pra crescer.

Complementos

As sapatilhas de renda,
minha face de coral,
minha blusa transparente.
Remédio pra minha insônia,
melhoral,
novalgina, dor de dente.
Remédio pra minha insônia
na vagina.
Essa colônia Cecita
me excita
e eu sonho.

Comprei
uma calcinha com plumas
e outra
com um coração aberto
nas nádegas.

Não me acho
sem-vergonha
de jeito nenhum!
Você acha?

Leila Ferraz

(São Paulo, 1944)



Escultura perene

O maremoto encontra sua caída
e desenha
rosas de vento na areia

sonho um verão inteiro

eu:

escultura de carne molhada

A língua imantada do amor

Uma sensação me sonda os pés e as pernas.
Vaga e plena desliza macia até minha nuvem
já úmida e quase plenamente molhada.
Sei que é você quem de fato amplia o seu gesto
entre minhas mãos em leve leque.
E portanto gela-me um frio suspeito nesse medo
do amor que me deflora a razão.
É um tremor, um suspiro, um tranco na contramão!
Um pressentimento reconhecendo em meus cheiros as
hesitações de minha alma,
e esquecendo suas pegadas no peito nu de meu passado.
Soam os nossos gozos em risos, sorrisos e gargalhadas
e te vejo, querido, desmaiado em minha boca.
Enquanto cravas teus dedos em minhas nádegas.

Os prisioneiros

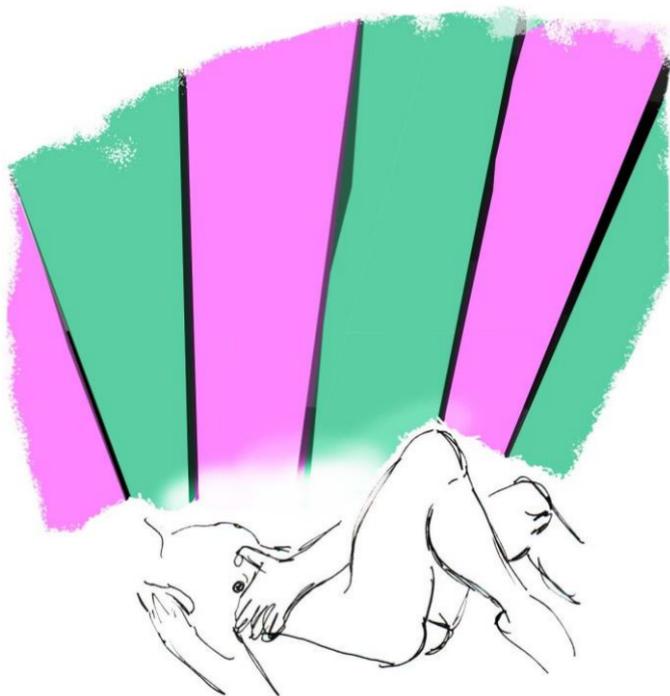
Usei o negro como ponta de lança
e O vermelho como razão agonizante.
Silenciei anarquicamente as portas
das mãos entrelaçadas.
Cobri montanhas traficadas e, infanta,
escutei as histórias que nunca ouvi.
Abri os braços revoltados em revoluções do nada
e mais alto subi abrindo o céu a unhas.
Porque sou jovem, tresloucada, gêmea e apaixonada!
Gritando palavras de ordem,
tirando panfletos da pedra
numa corrente de mãos e construindo barricadas.
A recusa de envelhecer ao som de bombas lacrimogêneas.

Entrevi um pedaço da história arrancada a palmadas
das ruas de Paris.
E se não dormi e se não comi
fui corpo só pulsando sensitivo entre matracas
que tentavam impedir a melhor das trepadas.
A trepada do cio
A trepada fecundada
A trepada inesquecível
A trepada que funde
Viva a vida e viva a morte!
A trepada do corpo
A trepada menstruada

A trepada que para o tempo
A trepada sem idades
A trepada de todas as gentes
A trepada sem pátria
A trepada bastarda.

Maria Lúcia Dal Farra

(São Paulo, 1944)



Perfumes

A lavanda de jasmim
é chama de abelhas
dos teus olhos sobre mim.
Alinhava seu aroma o da malva
(a aliada)
a instrutora do tato:
ávidos dedos a ramagem engendra.

Alfazema é para as prendas
da minha intimidade:
para a carícia do seio
para o beijo entre as pernas
para o mergulho nas trevas.

Fruto proibido

Com suas nádegas lascivas de mulher
a maçã se deita de costas
na cesta sobre a mesa.
Já de batom está pintada,
armadilha edênica no seu poço
- no ponto de voragem,
caverna de pevides.

Drácula, penetro
no seu espírito interdito,
no jardim das delícias.
Cometo (insensato)
a grande virtude capital.

Promessa de sexo

Uma espátula fina
clama
pelo livro adiado,
sua bainha.
Duas canetas e uma sem tampa –
a desta
se aplica na escrita.

Inútil,
o enigma do alicorne de bronze
ainda não porta-peso
sobre nenhum papel composto.
Este apenas se garatuja
sob o engenho da minha pena.

Tudo em cima da mesa.

Leila Mícoolis

(Rio de Janeiro, 1947)



Poema ao mais recente amor

Estar entre teus pêlos e dedos,
entre tua densidade,
neste transpirar sob medida
aos teus gemidos.

Estar entre teus trópicos,
entre o teu desejo e o meu prazer,
beber parte de teus líquens e teus rios
percorrendo-te da foz até a origem,
e pura a cada amor partir mais virgem.

Ilusão (segunda)

Igual a todas
desejou ser única,
contou-me histórias, casos de seus casos,
falou de medos, de loucuras, sustos
e de um futuro que seria nosso.
Como as demais e tantas e diversas
fez mil perguntas sobre o meu passado,
teve ciúmes,
me roçou de leve,
quis recuar, pensou melhor, agiu,
igual a todas
se deitou comigo, dormiu
com suas pernas entre meus joelhos
e sonhou ficar multiplicada
no meu quarto de espelhos.

Pacto (Ciclo familiar)

Começo a reconhecer teu corpo
quando a cama ronca
e as molas vergam.
Depois, a exibição doente:
pós de cantárida e pomadas
responsáveis por um membro sempre ardente,
e a ansiedade de gozar
— porque é costume usual o se gozar,
ou assim nos induzem a supor.
Tu me beijas para eu quase suportar
e eu finjo que te gemo por amor.

Celso de Alencar

(Ceará, 1949)



Amante

Antes que eu colhesse
a primeira rosa para os festejos
do trigésimo aniversário
de minha filha,
tu me disseste não suportar nenhuma rosa.
Detestavas cheiro de rosas.
E me falaste
das dores semanais que sentias
na região da tua buceta.
Querias que fosse eu teu amante.
Eu te disse que não poderia
ser teu amante pois eu dependeria
unicamente da tua buceta
para ser teu amante.
Recomendei-te a medicina
tradicional asiática para
a cura das tuas dores
mas não ouviste.
Agora me falas
das minhas amantes
como se carácter tivesses para tal.
Todas elas todas tem suas
bucetas perfeitas, mágicas
e perfumadas com jasmims vindos
dos interiores do leste e do norte do País.
Enquanto tu te atormentas

eu rego as rosas.

Tu não serás minha amante.

Carta a uma companheira

Quando vos digo
que tenho-a como minha,
digo por amá-la.
E por ser amante
e mais que amante
sinto-me vosso companheiro.
E compreendais vós
que, este, além de amar,
na hora de ajudar,
se acaso preciso for,
mais que amante
sobre as sedas dos lençóis,
será companheiro.

As quatro mulheres da rua da Consolação

Estavam nuas.

Abram a porta eu lhes disse.

Estavam nuas

com seus seios redondos

e seus púbis escondidos entre

os pelos dourados

e pela noite que chegava.

Amavam-se com a loucura própria

das mulheres que se encontram nuas.

Beije-nos, elas diziam-me.

Eu passava meus dedos compridos em volta

de seus lábios e as beijava

com sangue que escorria levemente da minha boca

e mordia-lhes as orelhas, as extensões dos ombros

e a carne de suas coxas.

De repente, eu não sabia

O que era braço, o que era cabelo

nem mão, nem cabeça.

Debruçavam-se sobre mim

e eu me sentia um banco de estação ferroviária

ouvindo hinos longos e antigos.

Foi quando uma laranjeira brotou

no meio da sala e elas iniciaram um soluço infantil,

depois um soluço velho e debaixo de soluços

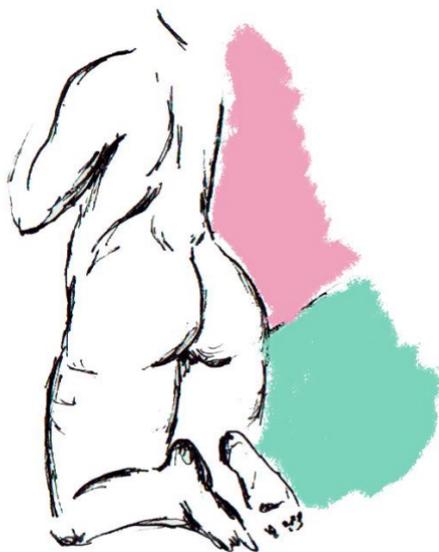
pediram-me que eu retirasse as folhas

que caíam sobre suas pernas.

Inesperadamente, um forte mugido primitivo,
um coro, soou, e eu gritava:
ó vacas, filhas da Consolação,
quero comer seus pulmões
com manteiga holandesa.
Então passei pela porta
pela outra porta
e vi um monomotor colorido sobrevoando
o velho cemitério da cidade.
E por um longo tempo.
Um tempo de horas.
Fiquei sem saber
o que era calçada
e o que era rua.

Beth Brait Alvim

(São Paulo, 1952)



Um esquecido

bem poucos olhavam a cena promíscua
minha mãe embaixo do homem
seus gemidos abafados me apertavam o peito
ela tinha de negar não podia sempre ceder
a mãe
o suor do homem e sua calvície subiam e desciam
não importando de quem fosse o rosto
antes lindo
a cara velha pálida murcha antes linda
se entregava
sem ligar para a filha ali ao lado
tão perto
sem ver os outros corpos deitados no chão
eu
mal coberta pelo mesmo lençol sujo
que escorregava do dorso negro
pondo à mostra músculos e bunda
do homem
no espaço do ângulo entre o ombro e
o braço de ferro que torneava o pescoço de minha mãe
sua cabeça branca
a palidez mórbida e o
esgar de um gozo
desesperado

a cena promíscua era
eu
a filha fodida

Tango

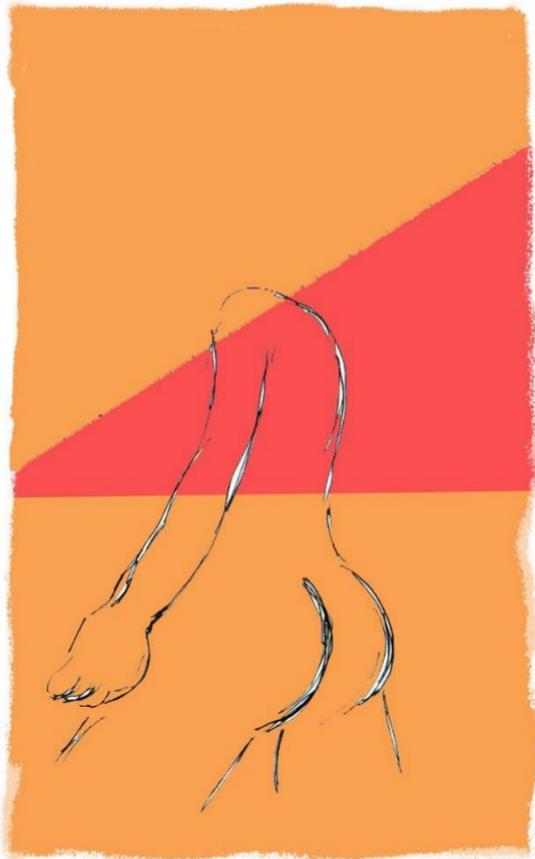
deslizas um tango lânguido em cada nervo exposto rosas
explodidas revelando
mal queres tanto que me cobri de febres pra te enroscar nas
minhas axilas e se fervesses tanto borbulhasses muito o
mercúrio de um termômetro enquanto
ouço canções de filmes deliro as pedras de Paraty danço no
mercado moldura do
pico do Jaraguá me lambuzo de sauna no hotel do Baixo
Augusta
solto gritinhos com meu irmão batendo palmas no túnel
da Nove de julho
enquanto abro o vigésimo champanhe de Picasso ouço o último
uivo do meu cão se despedindo de mim
...
só sei que me picam a veia mais uma vez e
eu alucino este domingo pós paixão e
a essa altura, ah!
dou graças ao meu desvario e não a esses cancros rosáceos tão
lindos como
as chagas de Cristo ...
você me banha de água benta e pronto
meu amor

Visões baldias

ah se a menina de cinquenta anos sucumbisse menos às visões
do juízo final
e vagasse mais nas feiras e terrenos baldios à beira do surto
daqueles dias
onde o muco anterior às boas maneiras mantinha o sinal o
segredo a magia
e rompia o novelo da mãe da avó e das tias
por certo ela desfilaria noites e dias sua saia de absinto meias de
cereja e seus
dentes de ninfa pulsando nas esquinas

Viviane de Santana Paulo

(São Paulo, 1966)



dai-me um jovem homem com seus músculos de sombra
e facho de pensamentos com ele
deslumbrarei a noite
dai-me uma folha de lua um homem
suas pernas beijarei a glande
de um ereto momento
homem quase acabado com o nivelado
do tórax com o peso lúdico e o períneo
das palavras suas nádegas beijarei

um homem com quem pensar e morrer
quando lá fora amolece o escurecer
e um raio de chão transpassa o caminhar
das horas seu corpo arderá sob o peso
sustentável da minha vida que desembocará
no seu peito esmagando meus seios
ardendo coberto pelo seu corpo
abocanhado de saudade e volúpia

em cada paixão existe uma morte silenciosa
algo que germina da repetição e do medo
conta com as digitais da noite
as gotas de luz que se apagarão
sob a força das patas das horas
e do expelir do sêmen da solidão
homem de crina azul de punho
de relva amarelada com os pés de terra
caminha na alma das recordações

dai-me um homem tão verdejante como a manhã
com cheiro de futuro e pó de madeira

com as mãos abertas cantarei
enquanto do meu ventre manar as hastes do sol
cantarei seus braços robustos e fortes
suas coxas grossas o horizonte
de seu abdômen para depois morrer
na transparência do gelo

dai-me o dorso arqueado pela música
a composição dos fólhos
dos nós das raízes das nuvens
buscarei escalar a eternidade
com minhas unhas de quartzo meu coração
de algodão e antera beberei da sua
boca o silêncio das espumas
e os gemidos das feras

dai-me um homem onde o tempo comece
e se alastre no lúmen dos meus olhos
se firme na minha boca cremoso
enquanto meu suor queima
meus sonhos com o tronco
metido no meu interior me fode fremente
fremata enquanto o prenderei
nas minhas pernas porque a fuga
das ondas regressa e a sua boca
me respira bagos de instantes
e ansiedade sobre o seu corpo
sentirei o peso das minhas asas
o cheiro do voo na altura

da flor da carne

dai-me um homem jovem para beijar o seus olhos
porque quando vier a morte das coisas
reclamar os seus pertences eu já serei
a ferocidade do desejo e a revolta
das correntezas profundas e injusta
injusta com a saudade mais pungente
e vitoriosa
como as libélulas e os spallas

a visita do homem jovem

a Heberto Helder

assim me penetras e em mim
a carne se abre *sal suor e sêmen*
vindo de lá do fundo do instinto
de toda a continuação da vida
o que nos move e manipula
e assim me entrego à sua língua
que me lambe
molhada e úmida me lambe
e entra em mim como um molusco

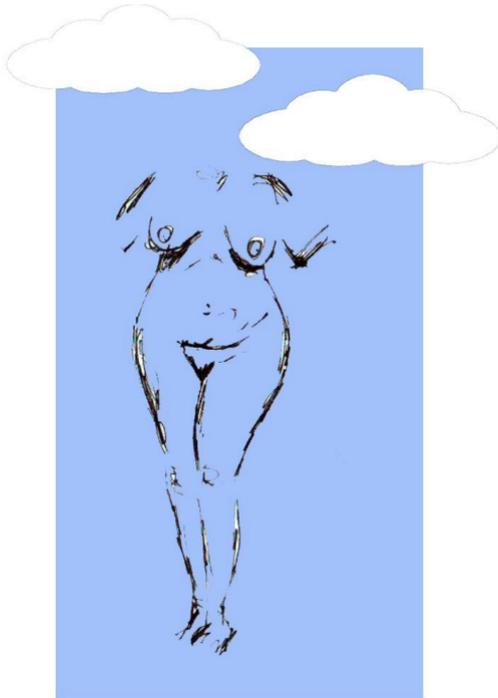
assim me penetras
e nos agarramos nos prendemos
viramos e reviramos
e a carne dentro da carne
nos encaixamos e gozamos
neste chafariz de existir
nos dissolvemos em nós
para depois cair
e cair

na queda de toda solidão
imanente contrair-se mas depois
entregar-se de novo e de novo
recorrente por não suportar
o ausência do gozo
do sexo no sexo

e este explodir de repente
vem estar comigo nos intensos lampejos no fundo
das madrugadas na penumbra das mãos sôfregas buscando
os portos seguros ao longo das tormentas que os nossos
corpos iniciam ancorar nas orlas e explorar os interiores
úmidos sou lilitith vem estar entre as minhas coxas entre a
fenda
nas paredes da fuga que nos leva longe das entediadas
buscas e batalhas diárias abandone-as
os compromissos maçantes os telefonemas os emails não
respondidos
as más notícias... não se preocupe com isso
vem trepar nos muros altos do prometido sentir
a redondeza do sentido os lábios calcados no ventre
do sonho e os joelhos como parte de um instrumento dobrável
vem sentir o gemer da música tremulando na pele nua
ver o ondular da noite nos olhos da cama
esqueça as senhas aqui não é
preciso senha nenhuma os segredos se revelam
em cada nó de braços e pernas entrelaçados e as velas se
abrem
para receber o mastro vamos singrar as águas inquietas
do marítimo noturno

Anabelle Loivos

(Rio de Janeiro, 1973)



Primeira fábula

Estopim duma couraça
plexo Escobar
sexo sexo
qualquer silêncio tomba
a pele a pele.

Ele estava lá
a mulher nua dormia ao seu lado
o sono que não veio
o sonho que não ficou
a promessa que não houve
e a mulher nua girava
girava a cama no que tinha de oral
e a dor e a dor
sexo amor amor
sangue estrábico no lençol
oh impalpável
virgindade de quem a dá.

Ela fêmea chorava agora
plexo nua
mulher e daí
estrabismo sanguinário de amar.

Ele ficou lá todo
líquido estreitado num canal
que dispensa a rima, mas não a presença
juras testículos, receios e re-seios

aspas de uma citação sem assinatura.
Um ventre que não estipulou seus honorários
uma reação a todo o léxico
só dois olhos apertados e estrangeiros
e um restar de não vale a pena.

Na boca, esperma
na cabeceira, rolex
e o léxico, na vontade de.

O escuro, a ameaça, se vem
já está e pesa
e a pena é tanta que não dará mais.

Quem saberá o verso a fecundar o ventre?

E ela menina a ter-ser-se
às vezes prende a vontade ainda no umbigo
e não a tem
e não a vê sonhada
parir: a meta
e então renascer.

(A mulher ex-nua não crê.
Não é tempo
não há nudez sem castigo
e o que se tem é só o dicto.
E o que se tem é só
o que se tem que.)

Um homem: de como abri-lo

Beija-se lentamente o crânio e a nuca
E por trás abre-se uma janela para o desvio
Depois se premem os dedos num nó górdio
E espetam-se-lhe as dúvidas numa linha imaginária que vai
Da camisa ao olho são
Em seguida apalpam-se-lhe as narinas e verifica-se
Se o ar que respira é você toda
Para testar o tesão enfiam-se-lhe ambas as mãos pelas calças
E aguarda-se o voo do pardal
Tendo voado, suam-se juntos
Até queimar as roupas
Uma vez aberto
Seu peito será sempre seu
E nada mais havendo a tratar
Deitar-se-ão à sombra tântrica da espera de um novo
Golpe seminal.

Manual do Não

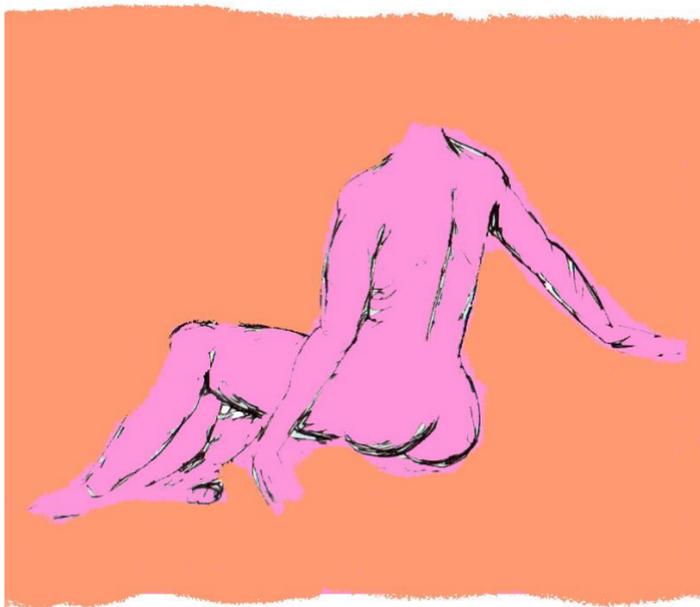
Há dois tipos de homens
Para os quais nunca dar:
Os de arresto
E os que restam

Com uma vulva livre
Não acatar algozes
Nem os com pouco pavio

Porque o húmus trepida
E a carne chama
Para além do amor:
O sextravio

Rita Medusa

(São Paulo, 1980)



Adição da febre

a carne, a labareda
o corte, conto 16 deles no meu pensamento
ainda que seja no braço
7 deles na língua da linguaruda
sem motivação para seguir
ela entoa serpentes aquáticas
de presente para a solidão
e o caminho do viés identificado
justo ela que canta, que grita
que que separa um a um
os que já foram dois
o toldo não cobriu minha arquitetura
e fiquei na chuva, vendo dentro
separada por um moinho
assaltada por um cometa

sonhando,
sim eu também sou escrava da imaginação
também me despeço quando fecho o livro
mas, ainda mais quando o abro
quando se abre a boca
para a tendência de amanhecer
conformes os rituais nascem
e lavam o caminho
e tropeçam nas pessoas
e ditam as novas regras, pluralidades de voz
acentuação vestida de silêncio

que não o do gozo, o da omissão e do inimigo que trama o
silêncio
ao som de clavicórdios e concerto dúbio para esqueletos do
amor

*do amor eu só respiro o que me parte em duas santidades e uma libertina
a conta não está certa, meu bem
porque tem a adição da febre
que foi capturada
não foram costurados os mapas na memória
nem reparamos nos ninhos
que se instalam no impossível
nunca mais me ensine como te encontrar
nem deixe a chave debaixo do tapete
para que eu a encontre
nosso rito é do reino de impossível
nosso encontro é pecado desde sempre
mas um assunto miracular persiste*

Bacante de quinta

Cativa num olhar de presídio
respirando a costela dos véus
navegando poderes
de sal dos ossos
Prisioneira de Santa Teresa
bacante de quinta
vendendo olho de salamandra
na porta do santuário imaginário
favor conferir se as certezas são à prova d'água
estudar o espírito da chama
canais de tráfego noturno
eu morri para que a lua respirasse melhor
segui os professores no jardim
queria perguntar
se o teatro de sombras
abre mais tarde
ou se podemos ainda
ser criminosos disfarçados
podemos jantar o delírio?
só essa noite, deixa vai

sou um sussurro
que tira suas forças no escuro
sou a armadura
de pele no vendaval
por dentro do peito
inviolável ainda que secreto
sou torta porque um anjo me ama

e me fascina a morte
das ninharias
que impedem que a gente
faça contato

Sabático Blues

O deslumbramento da neófito
acendeu as paredes
ao contato com o monge na taverna
em que eles deitaram com o vento
vadiaram no olho de vidro de Hécate
uivaram à Orfeu
no sábado de Drummond

mascaram Piva nos quintais festivos
e seus sexos impiedosos não se erguem
apenas sábado à noite
os patins de Eros estão com medo do escuro
faça um carnaval da nossa epifania
Surpreenda o cidadão
com sua capacidade de cumplicidade
eles querem você na elástica vibração
aí arquiteto uma missa negra pra você
Com lírios brancos do Nirvana
e a tentação oscilante
de quem vai oferecer o próprio crânio
aos cães

mascando fumo na sarjeta
ela levantou a saia
e me mostrou a origem do mundo
saí transtornada a construir saudade
Escrevi no couro flácido do tempo:
Fode, como quem inventa o amor.

Simone Brantes

(Rio de Janeiro, 1980)



Pote

Você acha que sexo é isso:

três

ou quatro

posições

e executá-las?

Você quer

muito

muito mesmo

que eu goze?

Então vamos por partes –

não se vai com tanta sede ao pote –

Primeiro: fabricar a sede

Segundo: fabricar o pote

Terceiro: deixar que a água jorre

As moças

Como duas moças se encontram
pelas moitas? como entram duas vulvas
sob a concha?
como sem mergulho
marulham no fundo os líquidos
de uma na outra?
Como, como –
por que poder de Deus
– as moças
se comem se comem se comem
com as coxas?

A dedicatória

Faltou a moça que fez que ia
e acabou não fondo [sic]

faltou a moça eletrocutada
pela porta da geladeira

faltou a moça que me
levou pela primeira vez
a um motel

faltou a moça que beijei
aos oito anos
resumindo pra ela
os acontecimentos
da novela da TV

faltou a moça amante do pintor
com quem infelizmente me fiz
de desentendida

faltou a que só disse

que queria quando não era
mais a hora

e a que disse que queria

quando não era hora
ainda

Faltou a moça
que por assim
dizer foi expulsa de casa
(meio que
por minha causa)

no final foi melhor para
ela

faltou a moça que
saiu correndo de costas
fazendo na minha direção
(correndo de frente)
o sinal da cruz

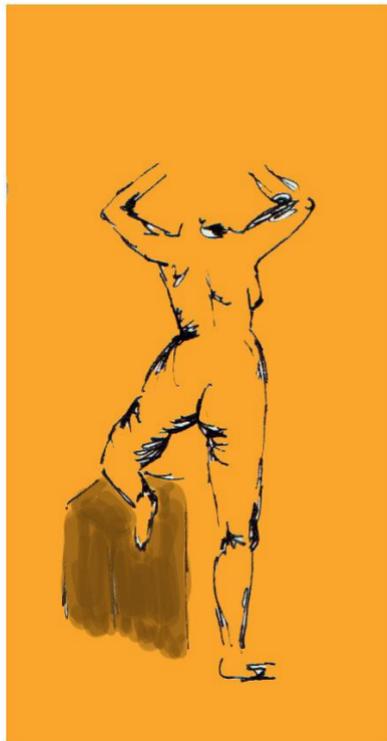
faltou a moça que me empesteou
de piolhos

no alojamento do Fundão
(mesmo assim valeu a pena)

Faltou
Faltam muitas moças
para todas elas foram escritas essas histórias

Ana Farrah

(Rio Grande do Sul, 1981)



Voraz

e eu achava normal você entrar à força
sempre tão agressivo, tão dono do terreno
da carne, dos buracos.
eu gostava de você assim
tão grosso, tão rei, tão a coca cola toda
achava lindo te ver sempre tão desesperado
quando já na porta do quarto me empurrava
de volta pro banho
ou afogava minha cara no travesseiro
achava bonito a tua voracidade em me comer
pra matar a fome de tantas coisas
que eu nunca soube
eu sublimava a minha dor e calava fundo
as mágoas todas no colo do útero

Poema

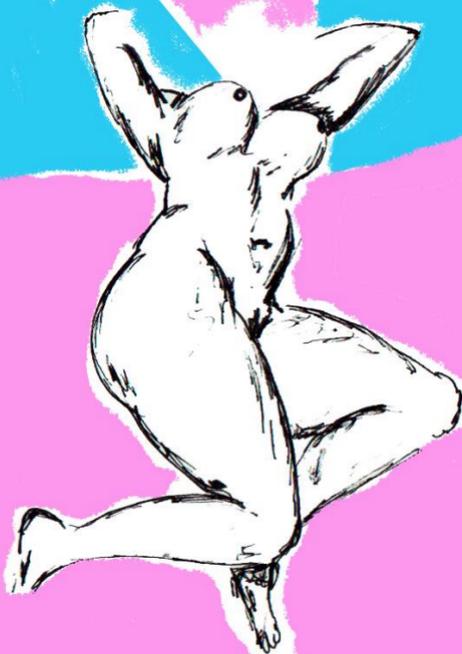
eu tinha pena dos meninos quando diziam
— deixa, vai? deixa...
eu deixava, sempre deixei
sempre senti muita pena e amor pelos meninos
e tive pena dos homens
quando também não pediram
quando entravam à força eu pensava — deixa...
meu olhar compassivo de quem sente mesmo
imensa boa vontade
e um certo pesar
de quem vê um pobre animalzinho pedindo comida
são inferiores, eu pensava
sempre famintos

[já matou, ele disse]

já matou, ele disse
eu vi certo glamour no ex detento que me levou pra comer um
xis e quebrar icebergs
duas semanas de convívio e eu não aguentava mais preparar
aperitivos e passar a bandeja para 20 cabeças como fosse uma
garçonete que sorri forçadamente por uma gorjeta
larguei tudo na pia, saí pela estrada de terra até esticar meu
dedo na BR e entrar na boleia de uma Scania pra chegar na
minha casa e nunca mais sair
desde então não ponho a cara na rua
aprendi a tricotar com meus próprios cabelos e só pretendo
parar quando terminar um cachecol que dê duas voltas no
pescoço de um ciclope

Anna Apolinário

(Paraíba, 1986)



Salmo

teu sexo escreve o evangelho de Sade
“*Mea vulva, mea vulva, mea maxima vulva*”

sou uma oração suja
roçando tua nuca
rosário rebentado de volúpia

sou uma hóstia
em tua língua
ardo

Sinfonia Imaginária

Ela põe um beijo fálico
Em minha face, lira líquida
Traz um sino de vertigem
Jubiloso sigilo
Vejo esse ganido na madrugada:
é um demônio verde a levantar meu vestido

Emudeçamos todo desassossego
Com árias dadaístas
Um canto corpóreo, partitura de agonias
O noviciado do gozo, xamanismo
Está escrito no Livro primeiro do uivo que iluminou Buda:
minha vênus profética vulvando em teu falo que confabula

O inventário do tempo
Foi comungar no Cabaré Místico
É teu verso?
Delira-mo
Sem paletó de poeta pixote
Derrama teu inaudito vinho, menino lírico
Azulei para um verde em dó maior
Encontre-me aquém do verbo

Os ciganos esconderam a Loucura
No espartilho da musa
Um piano turbulento anuncia
O êxtase dos anjos, canção apocalíptica
Sob o dossel do silêncio

Vejo-o enfim átomo
Infinito unido ao balé de meu delta
Os olhos do Sonho solfejam o delírio:
uma sinfonia imaginária para o amante metafísico

Musa Esquizóide

Caçando
Leopardos lírios
Em olhos de monja

Masturbando mitos
No clitóris gótico
De Justine

Derramando sal, elixir de Shiva
Entre seus seios leucêmicos
Sou Pantagruel

Orbes aladas, revirem-se
Lâmina-língua, demonize

Hidra histérica
Clepsidra esquiza
Vandalize-me, pequena sodomita

Matheus Guménin Barreto

(Mato Grosso, 1992)



Números, XXIII, 16

põe em minha boca uma palavra

azul e carmim
transparente como peixes
concreta como maçã
doce-amarga como esperma
arriscada como chama

põe na noite de minha boca
uma palavra
clarão

Tempo

Aquilo que possuo e me possui,
e que, se cerco, ergue cercos outros
em torno aos muros fracos, muros poucos
que ergui; aquilo que constrói e rui
meu corpo; que já traz numa só mão
meu corpo e aquela morte que é a sua
(se cada corpo nasce já com uma),
meu corpo e aqueles beijos que serão
os seus (se morre sempre sem dar todos);
aquilo, ainda, que me tira tudo
e tudo dá a mim; o que procuro,
mas que me encontra sempre e eu não encontro.
Aquilo, enfim, que dá-me o amor de um homem
de pau em riste – e nos apaga os nomes.

Os trabalhos e as noites

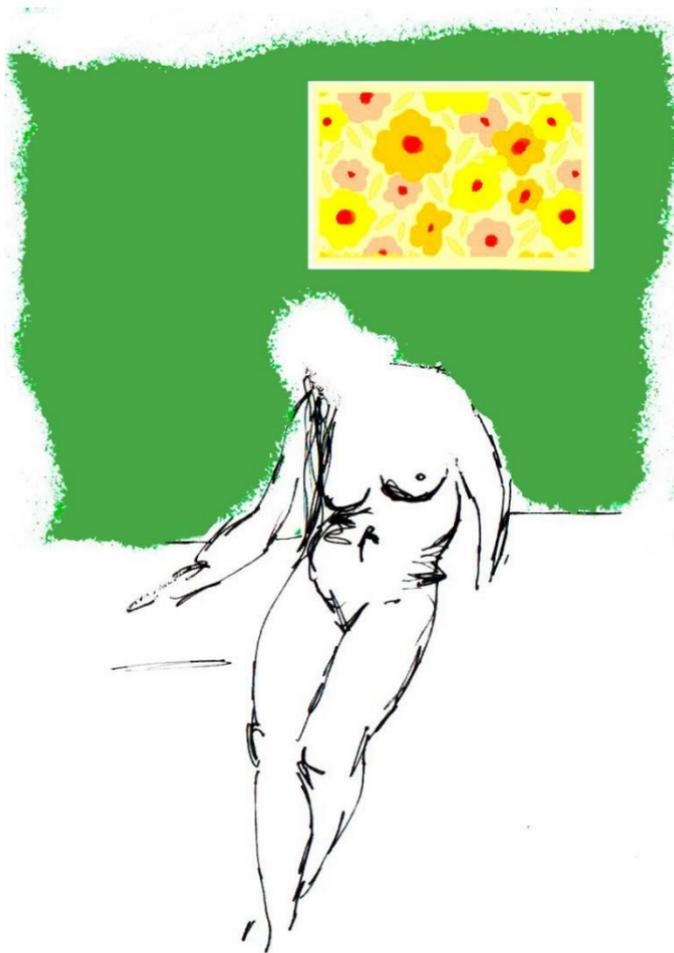
I.

A mão que arde no arbusto
é a mesma
que arde no sexo do amado e a mesma
que arde na areia e na espuma.
A mão que arde no sexo do amado
é a mesma que faz a cama com vagar
entre paredes altas
mais alto o ardor branco da cama feita, apaziguada.
A mão que arde no branco da cama
é a mesma que limpa o pus e a mesma posta contra a luz de
relâmpagos
à noite
a mesma que abre o pão é a mão a mesma.

Em cada coisa o vagar, em cada coisa o furor mudo.

II.

Estar na mão como a água que se lhe correu
na infância
estar no pulso como o calor de mãos amorosas
na boca estar como o fruto de outra estação
como o sexo do amado estar na boca
com seu sumo amargo e solar.



A última página do começo

Ana Farrah (Rio Grande do Sul, 1981). Poeta. Teve sua escrita notada nas redes sociais quando seus textos começaram a ser publicados em blogs e revistas eletrônicas de literatura contemporânea no Brasil e em Portugal. Participou da coletânea de contos *Sete Pecados*, pela editora Scenarium Plural e da antologia *Contemporâneas*, na revista *Vidas Secretas*, editada por João Gomes. Publicou poemas também no *Livro da Tribo*, pela Editora da Tribo. É colaboradora/curadora na *Mallarmargens*, revista virtual de poesia e arte contemporânea. Escreve sem eira em poesia sarcástica, mas transita entre outros estilos. No momento, Ana trabalha com Estética e escreve nos intervalos entre uma massagem e outra. Publicou o livro *Orquídea Trepadeira e outras flores ordinárias*, em 2017, pela Editora Benfazeja; em 2018 publicou *Os Mortos do Apartamento 21*, pela Editora Patuá.

Anabelle Loivos Considera (Rio de Janeiro, 1973) é doutora em Letras pela UFF e professora associada da Faculdade de Educação da UFRJ. É coordenadora do Programa de Extensão Universitária "Caminhos da Serra Fluminense", além do projeto "100 Anos sem Euclides", que promovem ações de formação continuada de professores e a difusão da leitura. É coautora de *Euclides: da face de um tapuia* (2013) e autora de *Sertão, selva e letra: Euclides da Cunha em atravessamentos* (2019). Seu livro de estreia na poesia foi *Dona Maricotinha* (2014), seguido por *Mãeme* (2018) e *Pura, puxa, puta: poesia!* (2019).

Anna Apolinário (João Pessoa, 1986) é poeta e escritora, Pedagoga e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. É produtora cultural independente, organizadora/fundadora do Sarau Selváticas desde 2017 e da Cia Químera - Teatro & Poesia desde 2019. Seu primeiro livro, *Solfejo de Eros* foi publicado em 2010, em seguida vieram *Mistrais* (Prêmio Literário Augusto dos Anjos - Funesc, 2014), *Zarabatana* (Patuá, 2016), *Magmáticas Medusas* (Editora Cintra/ARC Edições, 2018), *A Chave Selvagem do Sonho* (Triluna, 2020), *Beijos de Abracadabra - poemas automáticos bilíngues* (Triluna, 2023).

Beth Brait Alvim (São Paulo, 1952). Escritora, poeta, atriz e gestora cultural. Suas obras estão em cerca de 50 antologias e revistas especializadas, no país e o exterior. Reúne prêmios por sua produção poética e cultural. É mestre pelo PROLAM - USP. Tem sido convidada para declamar ou performar seus poemas, palestrar, e para ministrar cursos e oficinas em Festivais dentro e fora do país, como o *Festival Internazionale di Poesia di Gênova*, (Itália), *La Isla em Versos* (Cuba), *Bajo el Asedio de los Signos* (México), *Mulherio das Letras* (Portugal). Obras: *Mitos e ritos*, *Visões do Medo*, *A febre e a mariposa*, *A noite e o meio*, *Fúrias* (Coleção Poetas da Gangue), *Língua febril* (bilíngue), *Poemas selvagens*, *Convulsões* (especial dos Cem anos do Surrealismo); *Muros, bunkers e bordeis*, no prelo; *Ciranda dos tempos- espaços do desejo*, ensaio.

Cassandra Rios (São Paulo, 1932–2002). Pseudônimo de Odette Pérez Ríos, foi uma escritora paulista pioneira na literatura erótica brasileira, especialmente ao abordar a homossexualidade feminina, quebrando grandes tabus nacionais. Em 1948, aos 16

anos, publicou seu primeiro livro, *A Volúpia do Pecado*, o primeiro romance brasileiro sobre amor entre mulheres, marcando o início de uma carreira voltada a temas como desejo feminino, relações de poder e sincretismo religioso. Embora perseguida durante a ditadura militar (1964-1985), com 36 de seus 50 livros censurados, Cassandra tornou-se a primeira autora brasileira a vender 1 milhão de exemplares, em 1970. Entre suas obras mais notáveis estão *A Borboleta Branca* (1962), *A Breve História de Fábria* (1963), *A Noite Tem Mais Luzes* (1962), *A Santa Vaca* (1979). Com estilo simples e direto, Cassandra Rios foi uma das autoras mais lidas e censuradas de sua época, deixando um legado de transgressão e visibilidade para mulheres lésbicas na literatura brasileira.

Celso de Alencar (Ceará, 1949). Radicado em São Paulo desde 1972, nasceu em Fortaleza/CE, criado no Estado do Pará. Sobre Celso de Alencar, o cineasta Carlos Reichenbach sintetiza: “Celso de Alencar é, sem nenhum exagero, um dos maiores poetas brasileiros em atividade. Sua poesia blasfema e despudorada é da estirpe de Pasolini, Rimbaud, Leautréamont, Sousândrade e todos os nossos malditos maiores.” É autor de *Salve Salve*, *O Primeiro Inferno e Outros Poemas*, *Sete Testamentos*, *Poemas Perversos*, *O Coração dos Outros*, *Desnudo*, *Um Homem Cantava Para Cachorros*. CD *A Outra Metade do Coração*, *O Pastor*(infantojuvenil), *Arco Vermelho*.

Dora Ferreira da Silva (São Paulo, 1918-2006). Poeta e tradutora. Casou-se aos 19 anos com Vicente Ferreira da Silva, com quem estabeleceu uma parceria de dedicação a estudos ao longo de uma convivência de 23 anos. Dora e Vicente Silva

fizeram de sua casa pouso de escritores e pensadores interessados na divulgação de um pensamento crítico. No ano seguinte à morte trágica dele, num acidente de carro, Dora fundou a *Cavalo Azul*, em 1963, revista que nos seus 12 números privilegiou a literatura, em especial a poesia. Seguiu-se então a época das traduções. Devem-se a Dora as primeiras traduções para o português da obra de Carl Gustav Jung.

Gilka da Costa Melo Machado (Rio de Janeiro 1893-1980) foi uma poetisa, sufragista e feminista carioca, pioneira na utilização do erotismo na poesia feminina brasileira. Enfrentou preconceito racial e críticas por seus versos sensuais, sendo considerada libertina e indecorosa. Em 1910, ajudou a fundar o Partido Republicano Feminino. Publicou diversas obras poéticas, incluindo *Cristais Partidos* (1915), *Mulher Nua* (1922) e *Meu Glorioso Pecado* (1928). Em 1933, foi reconhecida como “a maior poetisa brasileira do século” em um concurso literário. Em 1979, recebeu o prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Sua poesia reunida foi publicada em 2017 pelo selo Demônio Negro.

Hilda Hilst (São Paulo, 1930-2004) é uma das protagonistas fundamentais da literatura brasileira e de língua portuguesa do século XX. Com mais de 40 livros publicados, Hilst abordou temas tabus como a morte, o sexo e Deus. Publicou seu primeiro livro, *Presságio*, em 1950, com apenas 20 anos, e, após se formar em Direito pela Universidade de São Paulo, decidiu dedicar-se exclusivamente à literatura. Em 1965, mudou-se para a Casa do Sol, em Campinas/SP, onde viveu até sua morte, recebendo escritores e artistas. Suas obras reunidas foram recentemente

reeditadas pela Companhia das Letras (2017) em um volume único, consolidando seu legado literário que explora a complexidade humana e a dinâmica da vida.

Leila Mícoolis (Rio de Janeiro, 1947). Poeta, ensaísta, romancista, contista, roteirista de cinema e televisão, dramaturga e editora. Forma-se em direito, em 1969, pela Faculdade Nacional (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ), profissão que exerce até 1977, quando decide dedicar-se exclusivamente à literatura. Doutora com pós-doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (UFRJ) e pós-graduação em Escrita Criativa. Estreia em 1965, com o livro de poemas *Gaveta da Solidão*. Em 1983, passa a escrever roteiros para a televisão, sendo coautora de telenovelas como *Kananga do Japão*, de 1989, com Wilson Aguiar Filho (1951-1991), e *Barriga de Aluguel*, de 1990, com Glória Perez (1948). Funda, em 1991, com o poeta Urhacy Faustino (1968), seu marido, o jornal literário *Blocos*, que ganha uma versão virtual oito anos depois. Entre 2004 e 2007, faz mestrado em teoria literária na UFRJ.

Leila Ferraz (São Paulo, 1944). Poeta, artista visual, tradutora. Participou do primeiro grupo surrealista brasileiro oficial, de 1965 a 1969. O grupo estava localizado entre São Paulo e Rio de Janeiro e foi responsável por liderar a organização da XIII Exposição Mundial do Surrealismo e da I Exposição do Surrealismo, realizada em 1967. Inaugurou, junto com Eduardo Lunardelli e outros, a galeria Pindorama, em São Paulo, na década de 1970. Posteriormente, criaram a Cooperativa de Artistas Plásticos de São Paulo. Leila Ferraz atuou como diretora de criação publicitária em importantes agências e publicou os livros

de poemas: *Cometas* (1977) e *Poemas plásticos* (1980). Mais tarde, em parceria com Floriano Martins, lançou *A mobília violenta do ar* (2020). Recentemente, voltou a publicar, agora sob o título *O dia dos cinco orgasmos* (2024).

Maria Lúcia Dal Farra (Botucatu/SP 1944) é prêmio Jabuti de Poesia (2012), e tem publicados volumes de poemas: *Livro de Auras* (1994), *Livro de Possuídos* (2002), *Alumbramentos* (2012), *Terceto para o Fim dos Tempos* (2017), *Alguns Poemas* (2019, ed. portuguesa), *Poemas* (2013, ed. peruana) e, possui, no prelo, o *Livro de Erros*. Escreveu ficções - *Inquilina do Intervalo* (2005). Foi professora da Usp, Unicamp, Ufs e de Berkely. Escreveu 12 livros sobre Florbela Espanca e outros tantos sobre poesia e narrativa.

Matheus Guménin Barreto (Mato-Grosso, 1992). É poeta e tradutor mato-grossense (Cuiabá, 1992). É professor de Literatura Alemã na USP e editor na revista Ruído Manifesto. Publicou *História natural da febre* (Corsário-Satã, 2022), *Mesmo que seja noite* (Corsário-Satã, 2020), *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018) e *A máquina de carregar nada* (7Letras, 2017). Teve poemas traduzidos para o inglês, o chinês, o espanhol, o alemão, o catalão e o italiano; e publicados em revistas ou antologias no Brasil, na Espanha, no México, em Portugal, nos EUA e na China. Integrou, entre outros, o *Printemps Littéraire Brésilien* 2018 (França e Bélgica - Universidade Sorbonne), a *Giornata mondiale della poesia* 2022 (Itália - Universidade de Roma) e o *Festival Riobaldo* 2023 (Angola - Instituto Guimarães Rosa em Luanda). Publicou em periódicos ou em livros traduções de Bertolt Brecht, Ingeborg Bachmann, Goethe, Nelly Sachs, Paul Celan, Rainer Maria Rilke e outros.

Entre os cursos que ministra esporadicamente está o “Verso vivo: introdução ao verso livre e ao verso fixo de Shakespeare a Criolo”.

Neide Archanjo (São Paulo, 1940-2022). Poeta, advogada e psicóloga. Iniciou na literatura em 1964, ao publicar o livro *Primeiros Ofícios da Memória*. Nas décadas seguintes, aliou a produção poética ao exercício da advocacia. Em 1969 criou o movimento “Poesia na Praça”, exposição de varais de poesia na Praça da República, em São Paulo, junto com José Luiz Archanjo e Ilka Brunhilde Laurito. Teve participação, em 1980, na criação e implantação da Oficina Literária da Biblioteca Mário de Andrade. Integrou o programa “O Escritor na Cidade”, organizado pela Fundação Biblioteca Nacional, em 1993, em Recife (PE), Curitiba (PR) e Fortaleza (CE). Neste mesmo período participou no projeto “Encontro de Escritores”, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Faleceu em 2022, aos 84 anos, no Rio de Janeiro.

Rita Medusa (São Paulo, 1980). Poeta, formada em Psicologia. Participou de diversas aulas temáticas literárias e oficinas de escrita na USP, na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, Casa das Rosas etc. Contribuiu com sites literários como *Mallarmagens*, *Recanto das Letras*, *Diversos Afins* e outros. Participou da antologia *Bar do Escritor*, tem um ebook lançado pela editora Marianas — *Andarilhas* (2020) — junto com as poetas *Daniela Pace Devisate* e *Lidia Codo*. Realizou diversas intervenções urbanas, Improviso Blues, Festas de Rua artísticas. Envolvida com teatro, desenho, escultura e cinéfila desde adolescente. É também autora dos livros: *Hipnose para um Incêndio* (2018) e *Túnicas Elétricas* (2022).

Roberto Piva (São Paulo, 1937–2010). Foi um poeta cuja obra desafiou convenções e explorou temas como repressão política, sexualidade e identidade. Conhecido na boemia paulistana antes mesmo de estreitar, adotou uma postura provocadora e contracultural, refletida em sua poesia marcada por influências do surrealismo, da geração *beat* e pelo olhar erotizado sobre São Paulo. Sua estreia literária ocorreu na *Antologia dos Novíssimos* (1961), seguida pelo clássico *Paranóia* (1963), que consolidou sua posição na literatura brasileira. Figura constante em jornais da imprensa alternativa, como *Patata* e *Versus*, além de revistas como *Singular e Plural* e *Rolling Stone*, Piva publicou obras marcantes como *20 Poemas com Brócoli* (1981) e *Ciclones* (1997), abordou intensamente o homoerotismo e experiências com alucinógenos. Em 2023, sua obra completa foi reunida no volume *Morda Meu Coração na Esquina* (Companhia das Letras), reafirmando seu legado como uma das vozes mais ousadas da poesia brasileira.

Simone Brantes (Rio de Janeiro, 1980). É autora dos livros de poemas *Pastilhas brancas e Quase todas as noites* (7Letras) e do romance *Ana* (Edições Macondo). Prepara atualmente o livro *Kafka: uma entrada para a Construção* (Editora Corsário-Satã).

Viviane de Santana Paulo (São Paulo, 1966). Poeta, romancista, tradutora e ensaísta. Estudou filologia germânica e românica na universidade de Bonn. É autora dos livros *lebendiges wensens namens gedicht – vom satelliten aus gesehen / ser vivo chamado poema – visto do satélite* (coletânea bilíngue de poesia); *Viver em outra língua (romance)*, *Depois do canto do gurinhatã (poesia)*, *Estrangeiro de Mim* (conto) e *Passeio ao Longo do Reno (poesia)*. Em parceria com

Florianos Martins, *Em silêncio e Abismanto (poesia)*. Participa das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (Brasil) e da *Antología de poesía brasileña* (Espanha). Participa da *Coleção Infame Ruído*, (Instituto Dagobé, edição 2024), do VIII Festival Internacional de Poesia em Granada, Nicarágua, e do XX Festival Internacional “Noites de Poesia” de Curtea de Arges, Romênia. Seus textos foram publicados em revistas e antologias na Europa e América Latina. Traduziu diversos poetas alemães, incluindo Jan Wagner, Nora Bossong, Ron Winkler, Josef Kafka, Sarah Kirch, Paul Celan, Gottfried Benn. Vive em Berlim.

Yde Schloenbach Blumenschein (São Paulo, 1882-1963). Também conhecida pelo pseudônimo Colombina, foi uma renomada poeta parnasiana brasileira. Parte de sua formação ocorreu na Alemanha, onde também estudou piano e canto, demonstrando desde cedo uma sensibilidade artística multifacetada. Aos 13 anos, deu início à sua jornada literária, revelando talento precoce e paixão pela escrita. Em 1932, Yde fundou a Casa do Poeta Lampião de Gás, um importante ponto de encontro para escritores e literatos. Inicialmente sediada em sua própria residência, a iniciativa cresceu e, em 1948, ganhou uma sede própria. Além disso, ela editou o jornal mensal *O Fanal*, veículo oficial da Casa do Poeta, que disseminava ideias e trabalhos literários do grupo. Sua produção literária abrange tanto poesia quanto literatura infantil. Entre suas principais obras estão: *Lianor* (1931), *Cidade Branca* (1938), *Caminhos* (1941), *Histórias de Sempre* (1949), *Alegria* (1954). Yde deixou um legado significativo na literatura brasileira, tanto por suas obras quanto por sua contribuição como mentora e incentivadora da produção literária em sua época.

Yêda Schmaltz (Pernambuco, 1941-2003), bacharel em Letras e Direito, foi professora universitária. Ao longo de sua carreira literária, recebeu diversos prêmios e colaborou com diversos jornais e revistas literárias. Membro fundadora Grupo de Escritores Novos (GEN), destacou-se por sua contribuição inovadora à literatura goiana com um estilo rebelde, inconformista, irônico e uma voz lírica feminina inconfundível. Publicou vários livros de poesia, entre eles: *Prometeu americano* (1966), *A alquimia dos nós* (1979), *Baco e Anas brasileiras* (1985), *A forma do coração* (1990), *Chuva de ouro* (2000).





 **Mama
Quilla**